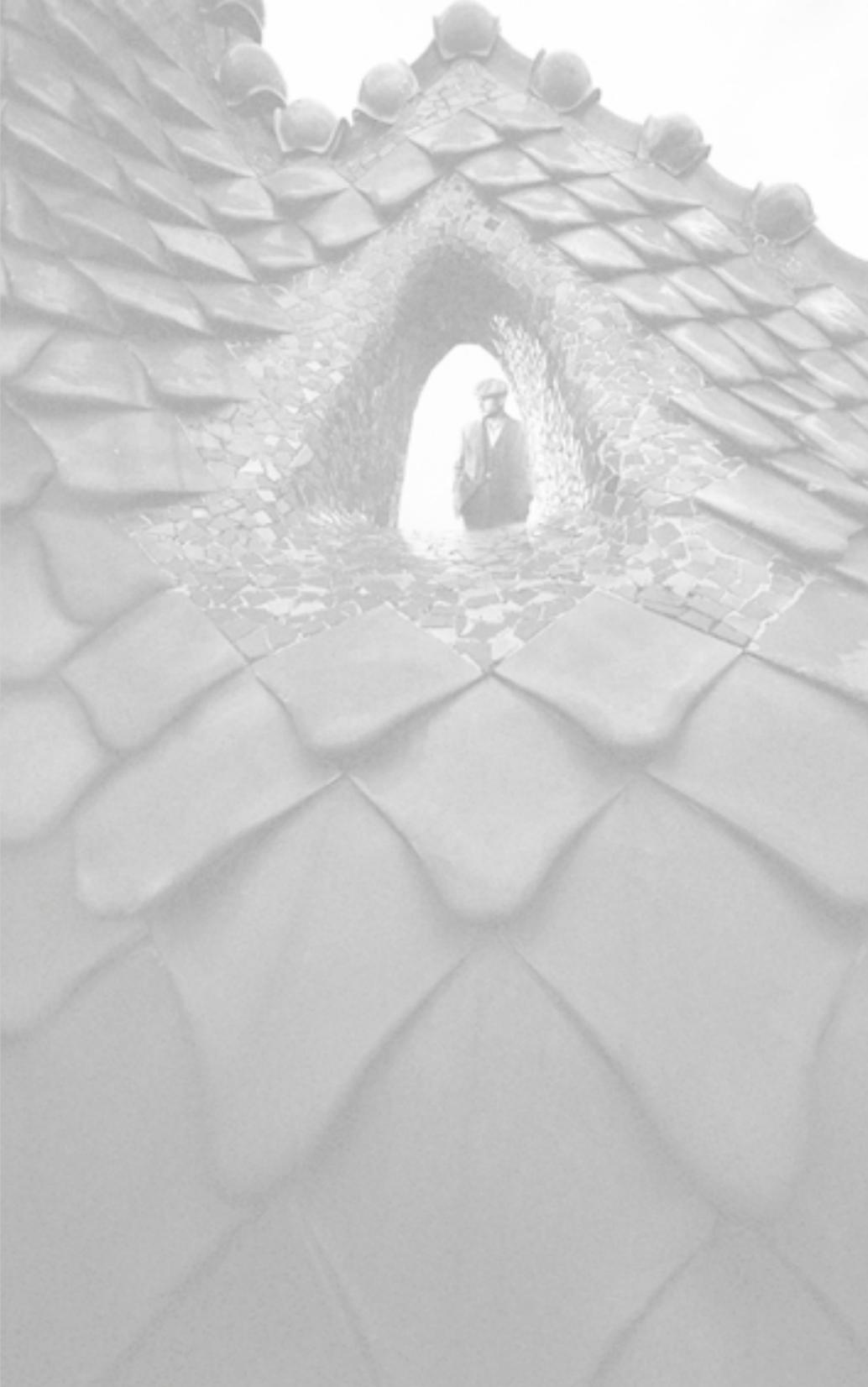




ILDEFONSO
FALCONES
O PINTOR
DE ALMAS



Comecei a escrever este livro quando gozava de plena saúde e, devido a uma doença grave, tecliei o ponto final com mil alfinetes cravados nas pontas dos dedos. Quero dedicá-lo a todos os que lutam contra o cancro e também aos que nos ajudam, encorajam, acompanham, sofrem connosco e, por vezes, têm de suportar o nosso desespero. Bem hajam.

PRIMEIRA PARTE

Barcelona, maio de 1901

Os gritos de centenas de mulheres e crianças ecoavam nas vielas da cidade velha. «Greve!» «Fechem as portas!» «Parem as máquinas!» «Baixem as persianas!» O piquete de mulheres, muitas delas com filhos pequenos nos braços ou a tentarem mantê-los seguros pela mão, apesar dos seus esforços para fugirem e juntarem-se aos que eram um pouco mais velhos, não sujeitos a controlo, percorria as ruas da cidade velha, incitando os trabalhadores e os comerciantes, que ainda mantinham abertas as oficinas, fábricas e lojas, a interromperem a atividade de imediato. Os bastões e barrotes que empunhavam convenciam a maioria, embora não fosse rara a quebra dos vidros das montras e uma ou outra rixa.

— São mulheres! — gritou um velho da varanda de um primeiro andar, mesmo por cima da cabeça de um comerciante furioso que fazia frente a algumas delas.

— Anselmo, eu... — O comerciante olhou para cima.

A sua desculpa foi emudecida pelos insultos e vaias proferidos por muitos dos que observavam a cena das varandas daquelas casas velhas e apinhadas, morada de trabalhadores e gente humilde, com as fachadas rachadas, descascadas e com manchas de humidade. O homem cerrou os lábios, abanou a cabeça e fechou a loja, enquanto catraios maltrapilhos e sujos cantavam vitória e troçavam dele. Alguns dos que assistiam à cena sorriam abertamente perante a chacota do grupo de grevistas precoces; o comerciante não era querido no bairro. Confecionava e vendia alpercatas. Não vendia fiado. Não sorria, e tão-pouco saudava quem quer que fosse.

A catraiaada continuou na chacota até que a polícia, que seguia o piquete de mulheres, se aproximou. Então, desatou a correr em busca da marabunta que continuava a deslocar-se pelas ruelas da Barcelona

medieval, tão sinuosas quanto sombrias, pois a maravilhosa luz primavera daquele mês de maio não conseguia penetrar na estreita malha urbana, apenas nos andares mais altos dos edifícios que se erguiam no empedrado. Os vizinhos das varandas calaram-se à passagem dos guardas civis, alguns a cavalo, com os sabres embainhados, a maioria com o rosto contraído, uma tensão que se sentia nos seus movimentos sincopados. Uns e outros tinham consciência do conflito com que aqueles homens se debatiam: a sua obrigação era impedir os piquetes ilegais, mas não estavam dispostos a carregar contra as mulheres e crianças.

A história da revolução operária em Barcelona estava ligada às mulheres e aos seus filhos. Eram elas quem, em inúmeras ocasiões, exortavam os seus homens a permanecerem afastados das ações violentas. «Connosco não se atreverão, e somos suficientes para conseguirmos o encerramento», argumentavam. E assim era também naquele mês de maio de 1901, quando os operários foram para as ruas depois de, no final de abril, a Companhia de Elétricos ter despedido os trabalhadores em greve e contratado fura-greves para os substituir.

A greve geral, pretendida pelas associações de operários, em defesa dos trabalhadores dos elétricos estava muito longe de se concretizar e, apesar de algumas ações violentas, a Guarda Civil parecia ter a situação controlada na cidade.

De repente, um clamor surgiu nas bocas das centenas de mulheres porque se propagou entre elas a notícia de que um elétrico estava a circular pelas Ramblas. Ouviram-se insultos e gritos de ameaça: «Fura-greves!», «Filhos da puta!», «Vamos a eles!»

As grevistas acorreram com o passo apressado, algumas quase a correr, à Rua da Portaferriça para chegarem à Rambla das Flores, acima do mercado de La Boqueria, uma lota que, ao contrário de todas as outras em Barcelona, como a de Sant Antoni, a do Born ou a da Concepció, não é fruto de um projeto concreto, mas da ocupação, por parte dos vendedores, da Praça de Sant Josep, um magnífico espaço porticado; por fim, venceram os mercadores e a praça cobriu-se com toldos e telhados provisórios, tendo os pórticos dos edifícios, que a rodeavam, sido transformados nas paredes do novo mercado. As tradicionais *paradas* de venda de flores, estruturas de ferro semelhantes

a quiosques colocadas frente a frente ao longo do passeio, estavam fechadas, embora as floristas, muitas delas com as mãos nas ancas, desafiantes, permanecessem junto aos respectivos estabelecimentos, dispostas a defendê-los. Em Barcelona, apenas se vendiam flores naquela zona das Ramblas. No mercado de La Boqueria, um número infundável de carroças de transporte, com os seus toldos e cavalos, esperavam estacionadas em fila, lado a lado, a escassos passos dos carris do elétrico. Os animais reagiram nervosamente à gritaria e à avalanche das mulheres. Poucas prestaram atenção ao alvoroço de cavalos empinados, carregadores e comerciantes a correrem de um lado para o outro. O elétrico que cobria a linha de Barcelona para Gràcia, que começava na Rambla de Santa Mònica, junto ao porto, aproximava-se.

Dalmau Sala tinha seguido o piquete durante o seu itinerário pela cidade velha, juntamente com muitos outros homens, em silêncio, atrás da Guarda Civil. Agora, numa zona ampla, como era a das Ramblas, tinha uma visão mais completa. O caos era absoluto. Cavalos, carroças e comerciantes. Cidadãos a correrem, curiosos; polícias em formatura perante o grupo de mulheres com os filhos que se colocaram diante deles, a formar uma barreira humana que pretendia separar todas as outras que se haviam apinhado em cima dos carris do elétrico para deter a máquina.

Um calafrio percorreu Dalmau de cima a baixo quando viu que algumas mulheres erguiam os filhos e os exibiam perante os guardas civis. Outros catraios, um pouco mais crescidos, permaneciam agarrados às saias das mães, assustados, com os olhos muito abertos, esquadrinhando o espaço em busca de respostas que não encontravam, enquanto os adolescentes, ensoberbecidos pelo ambiente, chegavam a desafiar os polícias.

Não havia muitos anos, quatro ou cinco, Dalmau cometeu o mesmo desplante perante a polícia; a mãe atrás dele, a gritar, exigindo justiça ou melhorias sociais, encorajando-o à luta, como fazia a maioria das mães que interpunham os filhos em defesa de causas que consideravam superiores, inclusivamente a sua própria integridade física.

Por instantes, os gritos das mulheres provocaram em Dalmau uma embriaguez semelhante à que viveu quando fez frente à polícia. Na altura, sentiam-se deuses. Lutavam pelos operários! A Guarda Civil

ou o exército carregaram sobre eles algumas vezes, mas hoje nada disso iria acontecer, disse Dalmau para si, desviando o olhar para as grevistas que faziam frente ao elétrico. Não. Aquele dia não estava destinado a que a força pública atacasse as mulheres; pressentia-o, sabia-o.

Dalmau não tardou a localizá-las. Na primeira fila, à frente de todas, com o olhar desafiante, como se fosse o suficiente para deter o elétrico da linha de Gràcia que se aproximava. Dalmau sorriu. O que não conseguiriam aqueles olhares? Montserrat e Emma, a sua irmã mais nova e a sua namorada, ambas inseparáveis, unidas pela infelicidade, unidas pela luta operária. O elétrico aproximava-se fazendo soar a campainha; o sol que se infiltrava por entre o arvoredo das Ramblas arrancava centelhas às rodas e aos restantes elementos metálicos do vagão. Uma ou outra mulher recuou; poucas, muito poucas. Dalmau esticou-se. Não temia por elas; o elétrico iria parar. Mães e polícias calaram-se, atentos. Muitos curiosos retiveram a respiração. O grupo de mulheres que se encontrava em cima dos carris pareceu crescer sobre si mesmo, firme, tenaz, disposto a ser atropelado.

Parou.

As mulheres explodiram em gritos de vitória, enquanto os poucos passageiros que ousaram utilizar o transporte e viajavam na parte superior do vagão, ao ar livre, sentados ao sol, desciam aos tropeções para fugirem, depois de o condutor e os revisores, todos fura-greves, terem saltado do elétrico antes mesmo de este parar.

Dalmau contemplou Emma e Montserrat, as duas com o punho crispado erguido para o céu, sorridentes, a celebrarem, eufóricas, a vitória com as suas companheiras. Ainda não tinha passado um minuto quando aquelas centenas de mulheres se aproximaram do elétrico. «Vamos!» «Vamos a ele!» A Guarda Civil quis reagir, mas a barreira com as crianças avançou para os agentes. Foram muitas as mãos que se apoiaram na parte lateral do vagão. Outras tantas, as que não alcançavam a máquina, apoiaram-se às costas das grevistas que estavam à frente.

— Empurrem! — gritaram várias ao mesmo tempo.

— Com mais força!

O elétrico balançou em cima das rodas de ferro.

— Mais! Mais, mais...

Um, dois... O vaivém aumentou ao ritmo do alento que davam umas às outras. Por fim, um rugido que surgiu daquelas centenas de gargantas precedeu a queda do vagão. O estrondo confundiu-se com o ruído dos estilhaços, o entrecocar dos ferros e uma nuvem de pó que envolveu o elétrico e as mulheres.

Um brado quebrou o silêncio relativo que se tinha instalado depois de o vagão ter embatido no solo.

— Saúde e revolução!

— Viva a anarquia!

— Greve geral!

— Morte aos frades!

Mais trabalho e melhores salários. Reduzir as jornadas extenuantes. Acabar com o trabalho jovem. Pôr fim ao poder da Igreja. Maior segurança. Casas decentes. Expulsão das ordens religiosas. Saúde. Ensino laico. Alimentos acessíveis... Mil reivindicações troaram na Rambla das Flores, de Barcelona, para serem partilhadas por uma mole de gente humilde, cada vez mais numerosa, que se ia reunindo e aplaudia fervorosamente aquelas mulheres trabalhadoras.

Emma e Montserrat, transpiradas, com o rosto sujo e enegrecido devido ao pó que se levantou com a queda do vagão, saltavam excitadas, instigavam as companheiras e erguiam os braços empoleiradas no elétrico.

Dalmau sentiu os pelos do corpo a eriçarem-se ao ver aquelas duas jovens mulheres. Valentes! Empenhadas! Recordou as vezes em que, juntamente com as mães e as mulheres dos operários, se precipitaram para a rua em defesa de uma causa. Dalmau não chegava a ser dois anos mais velho do que elas e, apesar disso, aquelas duas jovens, como se o facto de serem mulheres a tal as obrigasse, superavam-no em ousadia e gritavam, insultavam e, inclusivamente, desafiavam a Guarda Civil. E agora estavam ali, em cima de um elétrico que tinham acabado de derrubar com as mãos. Dalmau estremeceu, depois ergueu o punho e, excitado, juntou-se aos gritos e reivindicações da população.

A emoção e o estrondo ainda continuavam a ecoar no íntimo de Dalmau, agitando-o, ensurdecendo-o, enquanto subia o Paseo de Gràcia de Barcelona em direcção à fábrica de cerâmica onde trabalhava,

situada em Les Corts, num descampado junto à ribeira de Bargalló. Não chegou a ter a oportunidade de falar com as duas jovens, pois, assim que conseguiram o seu objetivo, o nervosismo demonstrado pela Guarda Civil forçou a dissolução do piquete e fez com que as mulheres e os filhos dispersassem em todas as direções. Talvez Montserrat e Emma fossem reconhecíveis, pensou Dalmau. Com toda a certeza, disse para si, e sorriu, ao mesmo tempo que dava um pontapé na folha caída de uma árvore. Quem podia esquecê-las ali de pé, em cima do elétrico? No entanto, confundiram-se rapidamente com as outras que se encontravam no mercado de La Boqueria ou nas Ramblas: mulheres como tantas outras, vestidas com saia comprida até aos artelhos, avental e camisa, de um modo geral com as mangas arregaçadas. As mais velhas costumavam ter a cabeça coberta com um lenço, em geral negro; as outras apanhavam o cabelo num carrapito, sem chapéu. Eram mulheres radicalmente diferentes das que se podiam ver a deambular pelo Paseo de Gràcia, ricas e elegantes.

Todos os dias, quando ia ou vinha por aquela grande artéria da Cidade Condal, Dalmau entretinha-se a contemplar as senhoras que passeavam, orgulhosas, por entre amas vestidas de branco com os seus bebês, cavalos e carruagens. O peito, o ventre e as nádegas; diziam que esses eram os três padrões pelos quais se devia julgar a mulher ideal. A moda feminina havia evoluído com o modernismo, tal como a arquitetura e as outras artes, e foi substituindo as peças medievais, rígidas, usadas durante a última década do século anterior, por outras que revelavam mulheres vivas, com os corpetes a realçarem as formas naturais dos corpos numa espécie de serpentear maravilhoso: seios espetados; ventres planos, comprimidos, e atrás as nádegas, empinadas, como se estivessem dispostas a atacar a qualquer momento. Quando tinha tempo, Dalmau sentava-se num dos bancos do Paseo e fazia esboços a lápis daquelas mulheres, embora na sua imaginação costumasse evitar a vestimenta e as desenhasse nuas. Não queria limitar-se àquilo que os corpetes e os vestidos insinuavam. Os pés, as pernas, os tornozelos, sobretudo os tornozelos, finos e magros, com os tendões tensos como cordas; mãos e braços. E os pescoços! Porquê reparar apenas naqueles três critérios: peito, ventre e nádegas? Gostava do nu feminino, mas infelizmente não tinha oportunidade de trabalhar

com modelos despojadas de roupa; o seu mestre, dom Manuel Bello, proibira-o. Nus masculinos, sim; femininos, não. Se ele não o fazia, contrapunha o mestre, não seria Dalmau a fazê-lo. Era compreensível para quem conhecesse a mulher de dom Manuel, zombava Dalmau às escondidas. Burguesa, reacionária, conservadora, católica recalitrante (até à medula!), virtudes estas que partilhava com o marido, a mulher agarrava-se à moda velha, abandonada há alguns anos, e ainda usava a crinolina, uma espécie de armação que se atava à cintura para que a saia ficasse bojuda atrás.

— Tal e qual um caracol! — troçava, quando explicava a Montserrat e a Emma. — Tudo para a frente e uma espécie de carapaça que lhe sai do rabo e que carrega aonde quer que vá. Acreditam que sou incapaz de a imaginar nua?

As duas riram.

— Nunca tiraste a carapaça a um caracol? — perguntou-lhe a irmã. — Pois pões um pouco de cabelo a essa lesma em vez dos cornichos e aí tens a tua burguesa nua, babando-se como todas elas.

— Cala-te! Que nojo! — queixou-se Emma, empurrando Montserrat. — Mas porque tens de imaginar as mulheres nuas? — perguntou a Dalmau. — Não te chega o que tens em casa?

Fez esta última observação a arrastar as palavras, com um tom de voz doce, adulator. Dalmau puxou-a para si e beijou-a nos lábios.

— Claro que me satisfaz — sussurrou.

Com efeito, à exceção de recorrer a fotografias eróticas, às escondidas, nas quais estudava a nudez feminina que o mestre lhe impedia, Emma era a única que tinha posado nua para ele. Montserrat, conhecedora do facto, também se ofereceu para o fazer.

— Como vou pintar nua a minha própria irmã? — contestou.

— É algo artístico, não? — insistiu ela, fazendo menção de tirar a camisa, o que Dalmau impediu, agarrando-lhe a mão. — Adoro os desenhos que fizeste da Emma! Está tão... sensual! Tão mulher! Parece uma deusa! Ninguém diria que é cozinheira. Gostava de ver-me assim e não como uma vulgar operária de uma fábrica de estampagem de tecidos de algodão.

Ao ver que a irmã puxava para baixo a saia floreada que vestia, como se quisesse livrar-se dela, Dalmau fechou os olhos por instantes.

— Eu também gostava que me desenhasses assim — opinou Montserrat.

— E a mãe iria gostar? — interrompeu ele.

Montserrat contorceu o lábio superior e abanou a cabeça, resignada.

— Não é preciso que te pinte nua para saberes que és tão bonita quanto Emma — Dalmau procurou confortá-la. — Todos se apaixonam por ti! Estão loucos por ti, tens-nos a teus pés.

Naquele dia, devido ao derrube do elétrico nas Ramblas, Dalmau já estava bastante atrasado para o trabalho e não tinha tempo para se divertir na imaginária nudez das burguesas que se pavoneavam no Paseo de Gràcia. Tão-pouco para observar as construções modernistas que se erguiam no Eixample, o *Ensanche* de Barcelona: a zona extramuros da cidade onde, durante séculos, se proibiu a construção por motivos de defesa militar e que, no século XIX, com a demolição das muralhas, foi urbanizada. O mestre Bello desprezava aquelas construções modernistas, embora fizesse bom negócio na sua fábrica a vender cerâmica aos construtores.

«Filho», desculpou-se no dia em que Dalmau se atreveu a chamar a atenção para essa contradição, «negócio é negócio». O certo era que, tal como sucedia com os vestidos das mulheres, o modernismo impôs mudanças importantes desde a Exposição Universal de Barcelona de 1888, uma evolução difícil de admitir para as personalidades mais conservadoras. Na última década do século XIX, as mulheres, livres da crinolina que as assemelhava aos caracóis, continuaram a usar vestidos rígidos, idênticos aos medievais. Durante essa década, os arquitetos também procuraram inspirar-se na Idade Média, tentando emular a grandeza da Catalunha daquela época. Domènech i Montaner recuperava técnicas com materiais da própria terra, como os tijolos à vista, e assim construiu o café-restaurant da própria exposição de 1888, um imponente castelo com ameias de influências orientais, no qual, todavia, foi concedida licença para colocar, no friso exterior, cerca de cinquenta escudos de cerâmica de cor branca, dos mais de cem que tinha previstos, onde se anunciavam os produtos que se podiam consumir no interior do estabelecimento: um marinheiro a beber genebra, uma rapariga a comer um gelado, uma cozinheira a preparar chocolate...

Poucos anos depois, Puig i Cadafalch assumiu a reconstrução da Casa Amatller, no Paseo de Gràcia, com elementos góticos, quebrando simetrias e classicismos e dotando Barcelona da sua primeira fachada colorista. Nesta, tal como havia feito Domènech no seu café-restaurant da Exposição Universal, Puig jogou com os elementos decorativos e, aproveitando os interesses do proprietário do edifício, incluiu uma multiplicidade de animais grotescos: um cão, um gato, uma raposa, uma cabra, uma ave e uma lagartixa como guardiões; uma rã que sopra vidro e outra que brinda com um copo; dois suínos a esculpirem um jarrão; um asno a ler um livro, outro que o observa com óculos; um leão apaixonado pela fotografia junto a um urso com um guarda-chuva; um coelho que funde metal enquanto outro lhe leva água, e um macaco que martela numa bigorna.

Aquelas duas obras, entre muitas outras que já clamavam uma mudança, uma conceção diferente da arquitetura, foram, nas palavras do mestre de Dalmau, as precursoras da Casa Calvet na Rua Casp de Barcelona, na qual Gaudí começou a abandonar a conceção historicista, que inspirou a sua obra durante a primeira fase do século anterior, para desenvolver uma arquitetura na qual pretendia que a matéria ganhasse movimento. «Movimento, as pedras!», exclamava dom Manuel Bello, com a perplexidade espelhada no rosto.

«As mulheres e os edifícios», confessou certa vez a Dalmau, «vão-se desprendendo, pouco a pouco, da sua classe, porte e senhoria, da sua história e prostituem-se: umas para se transformarem em cobras serpenteantes e os outros em matéria inconsistente». O homem virou-lhe as costas com espalhafato, como se o universo se estivesse a desmoronar. Dalmau evitou replicar que se sentia atraído por mulheres serpenteantes e que admirava aqueles que queriam que o ferro forjado, a pedra e, inclusivamente, a cerâmica, ganhassem movimento. Quem, a não ser um bruxo, um mago, um criador excepcional, podia apresentar ao espectador a matéria transformada em fluido!

Uma grande carroça carregada de argila, puxada por quatro poderosos *percherons* com a cabeça, pescoço e garupa fortes e imponentes, e patas grossas e peludas, que passou lenta e pesadamente a seu lado, fazendo estremecer a terra, arrancou Dalmau dos seus pensamentos. Ergueu a vista para ver a abarrotada traseira da carroça recortada contra

as chaminés altas dos fornos da fábrica que se erguiam bem acima dele. «Manuel Bello García. Fábrica de Azulejos.» Era este o anúncio que, em cerâmica branca e azul, rematava o portal da entrada; a partir daí, abria-se uma zona ampla com tanques e secadouros, junto aos armazéns, às oficinas e aos fornos. Era uma fábrica de média dimensão, que produzia trabalhos em série, mas também elaborava as peças especiais que os arquitetos ou mestres de obras desenhavam ou imaginavam para os seus edifícios ou os inúmeros estabelecimentos comerciais, lojas, farmácias, hotéis, restaurantes e outros que recorriam à cerâmica como um dos elementos decorativos por excelência.

Era esse o trabalho de Dalmau: desenhar. Criar modelos originais que depois eram fabricados em série e faziam parte do catálogo da firma; concretizar e desenvolver aqueles que os mestres de obras imaginavam para os seus edifícios ou estabelecimentos, e que apenas esboçavam, ou então executar os modelos que os grandes arquitetos modernistas lhes levavam já perfeitamente elaborados.

— Desculpe, dom Manuel... — Dalmau apresentou-se no escritório e estúdio do mestre, junto às oficinas da fábrica, no primeiro piso de um dos edifícios que compunham o complexo. — Mas a situação no bairro velho era caótica. Manifestações, cargas da polícia — exagerou. — Tive de zelar pela minha mãe e a minha irmã.

— Devemos cuidar das nossas mulheres, filho. — Dom Manuel, estritamente de negro, sóbrio, como era devido, com uma gravata verde-escura com um nó enorme, assentiu por detrás da mesa de mogno que ocupava. As patilhas compridas e fartas juntavam-se ao bigode, também espesso, numa mata de pelo impecavelmente delineada que deixava o pescoço e o queixo sem barba. — Elas precisam de nós. Fazes bem. Esses anarquistas e libertários é que vão arruinar o país! Espero que a Guarda Civil se tenha esforçado com eles! Mão dura! É o que merecem todos esses ingratos! Não te preocupes, filho. Vai trabalhar.

O estúdio de Dalmau confinava, porta com porta, com o do mestre. Ele também não trabalhava com os outros empregados, em salas comuns; dispunha de um espaço para si, um local bastante amplo em que podia concentrar-se no seu trabalho, que naquela altura consistia em desenhar uma série de azulejos com motivos orientais: flores-de-lótus, nenúfares, crisântemos, canas de bambu, borboletas, libélulas...

Dominar o desenho de flores custou-lhe vários cursos nos estudos que efetuou na escola da Llotja¹ de Barcelona. As flores naturais, as flores de perfil, as flores à sombra, o desenho e, por último, a composição a óleo. Dentro das matérias que se estudavam na Llotja, aonde Dalmau ingressou aos dez anos, que incluíam aritmética, geometria, desenho figurativo, desenho linear e decorativo, desenho do natural e pintura, uma das mais importantes era a do desenho aplicado às artes e ao fabrico. Para isso, foi criada a escola da Llotja, para ensinar arte aos operários que necessitavam com o objetivo de a aplicarem na indústria.

No entanto, em meados do século XIX, começou a dar-se preferência às artes puras em detrimento das artes aplicadas, mas sem abandonar estas últimas, as destinadas a providenciar recursos à indústria, entre as quais se encontrava, sem dúvida alguma, o desenho de flores. Os elementos botânicos foram o ornamento por excelência da arte gótica e, agora, devido à procura das inspirações medievais, usavam-se na decoração de tecidos e vestidos, a indústria que fazia mover a Catalunha, e, com o modernismo arquitetónico, em azulejos e revestimentos de paredes, mosaicos, forjados, marcenaria e vitrais, assim como nos milhares de esculturas de gesso que ornamentavam os edifícios.

Dalmau enfiou um guarda-pó por cima da camisa bege que lhe chegava até aos joelhos e que, com umas calças de uma mescla de lã e linho de um tom escuro indefinido, boné e sapatos de couro negro abotinados, constituíam a sua indumentária habitual. Quando se sentou diante dos inúmeros esboços espalhados em cima da sua mesa de trabalho e ordenou os lápis, as vozes, os risos, os gritos e os ruídos próprios daquela fábrica em funcionamento, alguns estrepitosos, desvaneceram-se. Dalmau aplicou todos os seus sentidos naqueles desenhos japoneses, tentando assimilar a técnica oriental que prescindia do realismo, em busca de uma beleza estilizada, sem sombras, tão distante dos critérios ocidentais quanto apreciada num mercado voltado para a procura da diferença, do exótico, do moderno.

Tal como se abstraiu de qualquer ruído, o silêncio das instalações vazias quando a noite caiu sobre Barcelona apanhou-o absorto no trabalho. Tinha comido quase sem apetite, como se fosse uma

¹ Escola de belas-artistes. (*N. do T.*)

contrariedade, o almoço que lhe levaram e, mais tarde, foi respondendo com um simples murmúrio a quantos espreitaram pela porta do seu estúdio para se despedirem. Dom Manuel, um dos últimos a sair, não foi exceção e, depois de estalar a língua, um gesto que ninguém saberia se atribuir à satisfação ou ao desgosto, virou costas a Dalmau, que ignorou as suas palavras sem sequer erguer o olhar dos desenhos.

Passadas mais algumas horas, a luz dos bicos dos candeeiros a gás que iluminavam o estúdio diminuiu de intensidade até quase o deixar na penumbra.

— Quem apagou a luz? — protestou Dalmau. — Quem anda aí?

— Sou eu, Paco — respondeu o guarda-noturno, abrindo a torneira do gás para que o estúdio se iluminasse de novo.

A luz revelou um ancião encolhido, envelhecido. Era uma excelente pessoa, mas não devia estar ali. O mestre tinha proibido o acesso aos estúdios, onde se encontravam os esboços e projetos, obras meio concluídas, material que apenas o pessoal da máxima confiança podia ver.

— O que fazes aqui? — perguntou Dalmau, com estranheza.

— Dom Manuel ordenou-me que, se te atrasasses muito, te mandasse embora. — O homem sorriu, mostrando as gengivas da boca sem dentes. — A situação na cidade é complicada, o povo está muito alterado — explicou — e a tua mãe deve estar preocupada.

Talvez Paco tivesse razão. De qualquer modo, a distração concedeu às tripas de Dalmau a oportunidade de protestarem com fome, o que, juntamente com o cansaço que sentiu de repente nos olhos, o aconselhou a dar a jornada por terminada.

— Apaga — pediu ao vigilante, enquanto atirava o guarda-pó para o cabide que se encontrava a um canto, onde ficou precariamente pendurado por uma das mangas. — O que aconteceu na cidade? — quis saber enquanto fechava a secretária.

— A situação complicou-se. Os piquetes, principalmente mulheres e adolescentes, percorreram a cidade velha apedrejando as fábricas e oficinas até fecharem. Parece que durante a manhã viraram um eléctrico e isso encorajou-as. — Dalmau expirou fundo. — Aconteceu algo semelhante com as grandes fábricas do bairro de Sant Martí. Assaltaram esquadras da polícia. A rapaziada aproveitou para fazer das suas

e queimou algumas repartições de impostos, provavelmente depois de as assaltarem. Está tudo numa grande agitação.

Desceram pelas escadas até aos armazéns do primeiro piso. Aí, antes de sair para o extenso terreno que rodeava as construções, onde se trabalhava a argila, Dalmau despediu-se dos dois gaiatos que não deviam ter mais de dez anos e que viviam e dormiam na fábrica, numa manta no chão, perto do calor dos fornos durante o inverno, dos quais se iam afastando à medida que o tempo se tornava mais clemente. Nem sequer eram aprendizes; serviam para tudo: limpar, fazer recados, trazer água... Ambos tinham família; era o que diziam: operários que trabalhavam no bairro de Sant Martí, a Manchester catalã, e sobreviviam amontoados em casas partilhadas por várias famílias. Sant Martí ficava longe e o mestre não via inconveniente em que vivessem na fábrica e ganhassem alguns cêntimos; em troca, apenas lhes exigia que aos domingos fossem à missa na paróquia de Santa Maria del Remei de Les Corts. As famílias não pareciam importar-se que aqueles rapazes vivessem na fábrica, ninguém apareceu a perguntar por eles. Havia-os em piores circunstâncias, pensou Dalmau, enquanto revolia o cabelo despenteado de um deles ao cruzar a porta: um exército de rapazes, calculava-se que em número superior a dez mil, os chamados *trinxeraires*, sobreviviam nas ruas de Barcelona, mendigando, furtando e dormindo à intempérie, em qualquer buraco onde conseguissem acomodar-se; eram órfãos ou apenas crianças abandonadas, como aqueles dois aprendizes de quem as famílias não podiam cuidar nem alimentar.

— Boa noite, mestre — despediu-se um deles. No tom da sua voz não havia qualquer sinal de malícia: o elogio era sincero.

Dalmau virou-se, franziu os lábios, procurou no bolso das calças e atirou-lhes algumas moedas de dois cêntimos.

— Que generoso! — Agora sim, notou-se uma certa picardia.

— Não encontraste as de um cêntimo? — comentou o outro rapaz. — São essas... as mais pequeninas.

— Mal-agraçados! — gritou o vigilante.

— Deixa-os! — instou Dalmau com um sorriso na boca. — Cuidado com o que vão fazer com esse dinheiro — imitou-lhes a picardia —, não se vão empanturrar de comida.

— Safa! — exclamou um. — O mestre também nos quer acompanhar na ceia.

— Eu não, obrigado, talvez noutra ocasião. Esta noite convidem as vossas namoradas — disse-lhes, sorrindo, antes de se encaminhar para a saída.

— Vamos comer uma mão de borrego inteira com estes quatro cêntimos! — ouviu Dalmau atrás de si.

— E um vinho generoso de Alella!

— Impertinentes — insistiu o vigilante.

— Não, Paco, não — aquietou Dalmau. — Que mais pode esperar-se destes dois gaiatos abandonados pelas famílias a não ser que trocem da vida?

O outro calou-se enquanto Dalmau passava por debaixo do painel de cerâmica, que anunciava a fábrica de azulejos de dom Manuel Bello, e se habituava à luz de uma lua brilhante que iluminava os descampados e as ruas onde a iluminação pública ainda não tinha chegado. Respirou o ar fresco da noite. O silêncio era tenso, como se os gritos dos grevistas que se manifestaram durante o dia ainda pairassem no ar. Do local onde se encontrava, Dalmau observou a paisagem que se prolongava até ao mar. As silhuetas de centenas de chaminés altas recortavam-se contra o luar. Barcelona era uma cidade industrial, repleta de fábricas, armazéns e oficinas de diversa natureza. Desde o século XIX, utilizava-se a energia a vapor em atividades que noutros lugares continuavam a ser realizadas recorrendo à força humana, o que, juntamente com a influência de países vizinhos, como a França, e um espírito atavicamente comercial e empreendedor, permitiu que Barcelona pudesse equiparar-se às cidades europeias mais avançadas. A indústria têxtil era a principal; metade dos operários de Barcelona trabalhava nela. No entanto, também se destacavam algumas indústrias importantes, como a metalúrgica, a química e a alimentar. Juntamente com estas, as de madeira, couro, calçado, papel ou as artes gráficas, e dezenas de fábricas numa cidade cuja população tinha atingido o meio milhão de pessoas. Porém, se os ricos industriais e os burgueses desfrutavam e alardeavam a sua situação, a realidade do povo simples, do trabalhador, era muito diferente. Jornadas entre dez e doze horas diárias, sete dias por semana, a troco de jornas miseráveis. Nos últimos

trinta anos, os salários tinham aumentado trinta por cento, enquanto o preço dos alimentos subiu setenta. O desemprego era cada vez maior; os albergues municipais estavam repletos durante a noite, e as cozinhas de beneficência distribuíam diariamente milhares de refeições. Barcelona, Dalmau abanou a cabeça, era uma cidade tremendamente cruel para com os que a engrandeciam dando a sua vida e saúde, a família e os filhos.

Montserrat não estava em casa. Emma também não. Deviam estar juntas a celebrar o êxito do seu protesto, pensou Dalmau; talvez numa reunião a prepararem as ações para o dia seguinte, sorridentes, felicitando-se umas às outras. Dalmau pensou em ir à casa de pasto perto do mercado de Sant Antoni, mas concluiu que, mesmo que não estivesse fechada devido à greve, Emma não estaria lá a trabalhar.

Dalmau vivia com a mãe no segundo andar de um edifício velho na Rua Bertrellans, em plena cidade velha de Barcelona, uma ruela estreita que ligava a Rua de Canuda à de Santa Ana, que conduzia à igreja do mesmo nome, naquela época em ampliação. A casa dos Sala era idêntica a todas as que se apinhavam em zonas como as do bairro histórico, Sants, Gràcia, Sant Martí... Edifícios de quatro ou cinco pisos, húmidos e lúgubres, com uma escada estreita, sem esgotos, gás ou eletricidade, e com um sistema de água corrente que dependia de um depósito colocado no telhado, comum a todos os vizinhos. Em cada patamar, onde se situava uma latrina partilhada, abriam-se vários fogos semelhantes uns aos outros: um corredor escuro que conduzia a uma cozinha e sala de jantar, em geral com ventilação através de um pátio interior, ao qual se seguia um quarto de paredes cegas e um outro com janela para o exterior.

Neste último, o que dava para a rua, Dalmau encontrou a mãe, a costurar, como sempre, agora à luz de uma vela esmorecida que mais parecia aumentar a escuridão do que proporcionar alguma luz à mulher que acionava, repetida e rotineiramente, o pedal da máquina de costura adquirida na casa do senhor Escuder, na Rua Avinyó. Devia ter estado todo o dia a trabalhar, provavelmente mais de treze horas.

— Como está, mãe? — saudou Dalmau, beijando-a na testa.

— Como me vê, filho — respondeu.

Dalmau observou-a por instantes e colocou-se atrás dela, acariando-lhe os antebraços. Sentiu a vibração que a máquina transmitia aos braços e aos ombros da mãe, que se moviam ao compasso da costura. Com o olhar fixo no trabalho, a mãe cerrou os lábios para esboçar um sorriso, mas manteve-se em silêncio e continuou a trabalhar, acionando o pedal e passando o tecido por debaixo da agulha. Naquele dia, havia colarinhos e punhos brancos postigos para as camisas dos homens; era o que lhe tinha oferecido o intermediário dos grandes armazéns onde seriam vendidos. Os punhos e os colarinhos brancos postigos eram a tarefa mais mal paga de uma costureira; após uma jornada interminável, iria receber cerca de uma peseta. Um pão grande custava quarenta cêntimos. O intermediário havia-lhe prometido uma encomenda de calças e, inclusivamente, luvas, mas naquele dia apenas tinha colarinhos e punhos para as camisas brancas dos ricos. Josefa, assim se chamava a mãe de Dalmau, também não alimentava grandes ilusões quanto à possibilidade de aquele homem cumprir a sua palavra. Talvez se o deixasse apalpá-la, tocar-lhe, as coisas fossem diferentes. «Não», endireitou-se, «de maneira alguma». Havia as que se ajoelhavam diante dele e o masturbavam, ou que se inclinavam com a saia e o avental arregaçados acima da cintura, oferecendo-lhe o que desejasse. E eram mais jovens e bonitas do que ela! Conhecia-as; por vezes, até as ouvia discutirem, a sussurrar, cansadas: a quem tocava nesse dia? Só podia ser uma: o homem tão-pouco era um portento nisso do sexo; vinha-se num instante e saciava-se ainda mais depressa. Josefa não as julgava. Não lhes guardava qualquer rancor. Tinham filhos, e tinham fome.

A mulher suspirou. Dalmau apercebeu-se e apertou-lhe delicadamente os braços. Josefa contava com a ajuda do filho. A maioria das costureiras, até as que não o eram, olhavam para ela com inveja e frequentemente cochichavam quando passava. Ela apercebia-se disso e não gostava; não se considerava diferente das outras: a viúva de um operário anarquista pobre que foi injustamente condenado e morreu no exílio em consequência das sequelas das torturas a que foi submetido, segundo lhe contaram, que dia após dia continuava a perder a vista e, devido à bronquite que assolava as costureiras, paradas durante horas diante das suas máquinas, mal alimentadas, sempre esgotadas,

respirando o ar infecto que subia do subsolo, sofrendo com a humidade que as penetrava até aos ossos, tudo isso para fornecer punhos e colarinhos brancos aos burgueses. Contudo, Dalmau gozava de consideração e auferia um bom salário a trabalhar para o «beato falso dos azulejos», como lhe chamavam as mulheres da casa, incluindo Emma. «Mãe, deixe isso», insistia com frequência. Porém, Josefa não queria viver à conta do filho. Dalmau iria casar-se, ter as suas necessidades. Ajudava-a, sim, e muito, tanto que não tinha de se submeter à luxúria do intermediário de roupa. Também ajudava a irmã e, inclusivamente, o irmão mais velho, Tomás, anarquista como o falecido pai: idealista, libertário, utópico, carne para canhão como o seu progenitor.

— E a menina? — perguntou então Dalmau, referindo-se carinhosamente a Montserrat, e deu um último abraço à mãe antes de se sentar na cama que as duas mulheres da casa partilhavam, junto à máquina de costura.

— Vá lá saber-se! Penso que está a preparar as manifestações de amanhã. Veio a casa e contou-me que hoje tombaram um elétrico — disse, e Dalmau confirmou. — No nosso tempo, os elétricos tinham vários cavalos aparelhados. Era difícil tombá-los — brincou.

— E de Emma, sabe alguma coisa?

— Sim. — A afirmação, curta, rotunda, surpreendeu Dalmau. A mãe suavizou a expressão. — Vinha com a tua irmã. Trouxe comida num tacho. Um dos teus pratos preferidos — acrescentou, piscando-lhe um olho.

— Depois, saíram para continuarem a luta.

Bacallà a la llauna. Com efeito, era um dos pratos de que Dalmau mais gostava, e Emma sabia como confeccioná-lo: bacalhau demolido, não em excesso, naquele ponto que ainda conserva o sabor do mar, passado por farinha e frito. Uma vez cozinhado e colocado na *llauna*, um tabuleiro com os bordos altos, no restante azeite alouravam-se vários dentes de alho cortados em lâminas, a que se juntava pimentão vermelho e vinho, para evitar que o alho se queimasse e amargasse. Deixava-se cozinhar durante alguns minutos e depois vertia-se por cima do bacalhau... Josefa aqueceu o prato em cima das brasas do fogão encastrado na parede e serviu-o na sala de jantar, com pão e uma garrafa de vinho tinto.

Nem sequer quando acabaram de dar conta do bacalhau e nas ruas ressoaram as vozes das pessoas que saíam das suas míseras casas para conversarem ao ar livre, passearem, fumarem um cigarro ou partilharem um pouco de vinho, Dalmau conseguiu que a mãe deixasse de trabalhar.

— Ainda tenho muita coisa para fazer — desculpou-se.

E quando não tinha?, esteve tentado a responder, mas isso seria entrar outra vez numa dinâmica sem fim: «Deixe isso, mãe.» «Não precisa.» «Eu dou-lhe dinheiro.» «Não lhe faltará nada...»

— Até podíamos mudar de casa — lembrou-se certa vez de lhe propor.

— Aqui, vivi com o teu pai e aqui morrerei — replicou Josefa com uma rispidez inusitada. — Talvez para ti, ou para os teus irmãos, isto seja um... pardieiro — acrescentou, com a voz um pouco embargada —, mas nestas paredes estão colados os risos e os prantos do teu pai; também os vossos, como é evidente. Dalmau, não há humidade, fedor ou escuridão que me consiga apagar da memória a felicidade que aqui vivi com ele, contigo e os teus irmãos. O empenho em fazer-vos prosperar, aos três, os afortunados dos cinco filhos que pari; o compromisso com a luta operária, os desesperados, a justiça. As desgraças e os dissabores, muitos, inúmeros. Tudo isso foi forjado aqui, filho, neste buraco. Este barulho do pedal e das agulhas da máquina de costura que, por vezes, tanto te enerva... — A mãe agitou as mãos no ar. — Não vou dizer-te que isto é música, mas tenho-o tão entranhado que me transporta para aqueles dias felizes com o teu pai e convosco ainda meninos. Isto de costurar já me sai naturalmente! — Soltou um riso gutural, um tossicar. — As minhas mãos sabem melhor o que têm de fazer do que os olhos cansados ao fim de uma dura jornada. — Suspirou. — E enquanto elas trabalham, o rumor da máquina de costura recorda-me o passado, o teu pai...

Dalmau hesitou no momento em que as palavras se afogaram na boca da mãe e as lágrimas lhe correram pelas faces. Naquela noite, sentiu-a mais frágil do que era costume; indefesa e, de pé, com a cabeça dela encostada contra o seu ventre, embalou-a como se fosse uma criança. Mais tarde, na solidão do seu quarto, o que não tinha janelas para parte alguma, com os sentimentos a queimarem-no, à luz de uma

vela, tentou desenhar o rosto da mãe. Um após outro, foi amarrotando e rasgando os esboços. Ainda não tinha idade para lhe reduzir a vida às recordações! Por mais que se esforçasse com o carvão e repetidamente procurasse dotar os desenhos de um sorriso e um olhar vívido, a sensação que lhe transmitiam era sempre a mesma: a de uma mulher triste.

Na manhã seguinte, Dalmau encontrou em cima da mesa o resto do *bacallà a la llauna* que a mãe escondeu a pensar na sua primeira refeição do dia. Ainda não tinha amanhecido, mas o silêncio ia-se quebrando nas ruas. Lavou-se na bacia e, antes de se sentar a comer o bacalhau, entreabriu a porta do outro quarto, onde a irmã e a mãe ainda dormiam entre os lençóis revoltos.

Na rua, a temperatura estava fresca. A luz começava a divisar-se por cima dos pisos superiores dos edifícios, como se lá em cima existisse um mundo limpo e são, diferente do da algazarra, da penumbra, da humidade, da sujidade e da pestilência que cercava os habitantes da cidade velha de Barcelona. O problema não era as pessoas dizerem mal do local onde viviam; pelo contrário, a maioria era como a mãe e amava o lugar de origem, aquele em que tinha vivido durante a infância ou trabalhado enquanto adulto. Não, não eram as pessoas. Era o município, que nos seus relatórios médicos assegurava que o solo e o subsolo de Barcelona estavam apodrecidos. As autoridades sustentavam que o subsolo de argila retinha a água e, portanto, encontrava-se permanentemente húmido; que aí se filtravam e depositavam as águas sujas, as matérias orgânicas em decomposição e a matéria fecal; que o estado dos esgotos era deplorável, com fugas e infiltrações ao longo de toda a rede; que a limpeza e a recolha do lixo era ilusória; que não havia reservas de água e a de muitos poços a que os barceloneses recorriam estava suja e infecta. O tifo e muitas outras doenças infecciosas tornaram-se endêmicos e a mortalidade daí resultante era elevadíssima.

E a mãe não queria sair dali, lamentou Dalmau ao entrar na Praça da Catalunha, depois de passar pela Igreja de Santa Anna. Tratava-se de um enorme solar abandonado, onde, desde a Exposição Universal de 1888, se previa a urbanização da praça que, ainda sem existir, já todos chamavam da Catalunha. Tentou evitar o lamaçal e as imundícies que se acumulavam e, conforme pôde, contornou o local até à entrada

da Casa Pons, um edifício magnífico com cinco pisos, neogótico, grande, com dois torreões nas esquinas rematados com telhados cónicos, construído na última década do século anterior e que contou com o desenvolvimento das artes industriais, vidraria, forja, marcenaria e até a cerâmica fabricada pelo mestre de Dalmau.

Aquele edifício do arquiteto Sagnier, erigido no primeiro quarteirão do Paseo de Gràcia, não só iniciava a corrida modernista de Barcelona, como, além disso, fixava uma fronteira perfeitamente identificável e com muito impacto entre dois mundos opostos, e Dalmau parava sempre por momentos junto àquela casa e respirava fundo, ora olhando para baixo, de onde vinha, onde estavam a mãe e a irmã, que já se deviam ter levantado; ora para cima, para a ampla avenida arborizada que tinha de percorrer para chegar ao trabalho.

Ali chegava o Sol. Ali brilhava o Sol. No chão, sobre o empedrado! E o cheiro não era tão nauseabundo. Na realidade, os ricos também não conseguiram resolver o problema dos esgotos e sentia-se o cheiro dos poços negros, mas pelo menos a brisa afastava os eflúvios, de certeza na direção da cidade velha, receava Dalmau. Àquelas horas matinais não havia jovens burguesas a exibirem-se pelo passeio. No seu lugar, os padeiros que levavam o pão às casas; distribuidores; criadas, a maioria mais belas e exuberantes do que as suas senhoras, com o cesto das compras pendurado no braço; trabalhadores que andavam de um lado para o outro; muitos pedreiros; caixeiros de lojas de ambos os sexos, e os exércitos de pobres e indigentes que faziam fila à porta de serviço de alguma casa grande porque aquele era o dia da esmola.

— Estado de guerra! — O grito de um rapaz que vendia jornais tirou-o dos seus pensamentos. — Estado de guerra em Barcelona! — repetiu, com tanta energia quanta os seus pulmões lhe permitiam.

Dalmau aproximou-se do jovem.

— Dá-me um — pediu-lhe, como fizeram outros tantos que se juntaram em redor do ardina.

O rapaz, carregado com os jornais, foi-os distribuindo e cobrando, sem deixar de gritar para atrair mais clientes:

— O governador civil entrega o poder ao exército!

Dalmau leu a notícia avidamente. Era verdade! Os gritos do ardina continuavam a adiantar o conteúdo:

— Incapaz de controlar as trabalhadoras alvoroçadas, o governador civil cedeu o comando da cidade aos militares! O capitão-general declara o estado de guerra! Suspensas as garantias e os direitos dos cidadãos!

Dalmau foi-se afastando do barulho provocado pelo aparecimento daquela primeira edição do jornal e, como se os factos quisessem confirmar-lhe os repetidos alaridos do ardina, um elétrico subiu o Paseo de Gràcia escoltado por vários membros de um destacamento de cavalaria do exército com os sabres desembainhados.

Durante o dia, ainda ocorreram algumas altercações isoladas, mas, perante as tropas de reforço vindas de diversos lugares da Catalunha, a greve perdeu virulência e o espírito de luta abrandou até se impor a normalidade, sem que com isso o estado de guerra fosse levantado.

Já na fábrica, Dalmau inclinou-se para os esboços dos azulejos com motivos japoneses. Chegou a hora de almoço e depois de, uma vez mais, Dalmau não lhe ter respondido, o mestre deu ordem a um dos aprendizes para o abanar e dizer-lhe que o esperava no pátio, no coche, para ir comer a sua casa. Dom Manuel convida-o para sua casa com alguma frequência. Vivia no Paseo de Gràcia, como bom industrial abastado, numa casa imensa com tetos altíssimos, muito perto da Rua de València. Dalmau podia ter ido a pé, mas o mestre gostava de fazer o percurso num coche de cavalos, para o qual subia e descia com o mesmo porte com que enfrentaria a escadaria do Palácio Real de Madrid, e no interior do qual se instalava como no melhor dos restaurantes. O homem bateu no tejadilho da carruagem com o punho de prata da bengala e o cocheiro arrancou.

Ainda não tinham saído da fábrica quando, uma vez mais, dom Manuel apontou para o traje de Dalmau, agitando uma mão no ar.

Também uma vez mais, Dalmau encolheu os ombros.

— Pago-te bem, muito bem — acentuou o outro. — Podias vestir-te de acordo com a tua categoria.

— Desculpe-me, dom Manuel, mas fui sempre assim. O senhor, mais do que ninguém, sabe que sou de uma família humilde. Não me vejo como um *señorito*.

— Não é disso que se trata. Mas umas boas calças, uma camisa e um casaco, e um chapéu decente em vez desse boné de... — voltou

a agitar a mão na direção do boné que Dalmau apertava na sua — ... alpercateiro permitir-te-iam, por exemplo, que a minha querida esposa te admitisse à mesa.

Dalmau recorreu à mesma desculpa que usava em todas as ocasiões em que o patrão insistia na pobreza da sua vestimenta e na possibilidade de almoçar com a sua mulher e as duas filhas — o filho mais pequeno ainda era alimentado pela ama — e, de quando em quando, também com *mosén*² Jacint, um monge escolápio, professor na Escola Pia de Sant Antoni, sentados à grande mesa de mogno do salão de refeições da sua casa, servidos por criados, com os talheres de prata ao lado de magníficos pratos de porcelana decorados com cores vivas, guardanapos de linho e um serviço de copos finos e lapidados que Dalmau receava que se lhe partissem nas mãos só de olhar para eles mais do que era oportuno.

— Dom Manuel, o senhor sabe que não estaria à altura das suas expectativas e menos ainda das de dona Celia. Não queria ofendê-la. A minha educação não é a apropriada — voltou a dizer.

— Sim, sim... — cedeu o mestre. — Mas essa roupa... — insistiu, apontando de novo. — Inclusivamente, seria bom para a oficina. És o segundo desenhador da fábrica! O primeiro depois de mim. Devias dar o exemplo.

Aquela era outra das cantilenas de dom Manuel. Ele a pôr um daqueles colarinhos? Talvez fosse um dos que a mãe costurou dias antes à luz suja que se infiltrava pela janela da casa na Rua Bertrellans. Não. Jamais vestiria aqueles colarinhos e punhos, nem as camisas, casacos ou calças que consumiram a vida da mãe! Dalmau recordava com tristeza a sua infância ao ritmo do pedal da máquina de costura. Por vezes, acordava sobressaltado com aquele matraquear que o perseguia desde criança até ao recanto mais afastado da casa diminuta.

— Não me sinto confortável, dom Manuel — replicou, num tom tão educado quanto firme. — Assim vestido, não consigo concentrar-me no trabalho. Sinto muito.

² Forma de tratamento usualmente utilizada com sacerdotes católicos em Aragão, na Catalunha e em Valência. (*N. do T.*)

Sem lhe dar tempo para responder, Dalmau aproximou a cabeça da janela e concentrou-se a inspecionar a cidade. Àquela hora e no Eixample, a zona rica por onde se deslocavam, o estado de guerra declarado pelo capitão-general vivia uma calma absoluta. Observou alguns soldados que, despreocupados, desfrutavam o sol da primavera e a passagem das mulheres, em vez de permanecerem atentos à repressão de uma greve e de algumas desordens inexistentes. Pensou em Emma e em Montserrat: deviam ter regressado ao trabalho; uma na casa de pasto e a outra na fábrica. As duas, como a maioria dos operários, pensou Dalmau, tão furiosas quanto dececionadas com a intervenção do exército. Naquela noite, iria estar com elas, sorriu Dalmau, antes de os arreios do cocheiro e os cascos da parelha de cavalos se silenciarem quando a carruagem parou frente ao portal do edifício de vários andares no Paseo de Gràcia, onde o mestre vivia com a família. Dalmau insistiu que dom Manuel saísse primeiro, para evitar ter de o ajudar a descer e que ele, ao apoiar-se desnecessariamente no seu braço ou elevando a voz, se regozijasse em público da sua ajuda, como se fosse um criado, como um castigo pela sua indumentária. Porque, pouco depois, no interior daquela grande casa burguesa, com os tetos altos decorados com cerâmica, repleta de móveis, quadros, esculturas e todo o tipo de objetos de decoração, úteis ou inúteis, dom Manuel mudaria de atitude para com Dalmau.

O apreço que o mestre pudesse ter por Dalmau não era partilhado por dona Celia, a sua mulher, que nunca ocultou o desdém pelas origens humildes, e até revolucionárias, de Dalmau. A ela, pouco lhe importavam os dotes para a pintura do filho de um anarquista sentenciado como assassino. «Com certeza que há mil rapazes tão preparados quanto ele, mesmo sendo de famílias humildes», pregava a dom Manuel. «Não tenho nada contra os operários, desde que sejam católicos e não ateus como este rapaz.» A acrimónia com que a mulher tratava Dalmau tão-pouco preocupava dom Manuel, porque o que contava era que os convites para almoçar não obedeciam a outra coisa a não ser ao interesse do mestre em conhecer a opinião do rapaz em relação a alguns dos trabalhos que não executava na fábrica, mas no estúdio que tinha numa das divisões da sua casa. Pinturas. Obras que nada tinham que ver com a cerâmica. Em geral paisagens, embora alguma vez se atrevesse

com a arte sacra e até com um retrato. Dom Manuel era um excelente pintor, reconhecido não somente no âmbito catalão, mas também a nível nacional. Compatibilizava as suas múltiplas atividades culturais e sociais com a de professor na escola da Llotja. Foi aí que intuiu, e mais tarde confirmou, as excelentes qualidades artísticas de um jovem Dalmau, pelo que quase chegou a perfilhá-lo. Ajudou-o, inclusivamente no plano económico, aquando do exílio e da morte do pai após o julgamento de Montjuïc, uma mistificação processual através da qual as autoridades aproveitaram para dizimar o movimento anarquista devido à explosão de uma bomba durante a passagem da procissão do Corpus de 1896, exatamente frente à Igreja de Santa Maria de la Mar. O facto de o pai de Dalmau ser um anarquista revolucionário não pareceu preocupar dom Manuel, que viu nisso a oportunidade de atrair o filho de um libertário violento e assassino para a fé e a doutrina cristãs.

Antes mesmo de Dalmau terminar os estudos na Llotja, dom Manuel já o tinha contratado como aprendiz na sua fábrica. O objetivo do rapaz: aprender quanto pudesse acerca do fabrico de azulejos e, acima de tudo, a assentá-los na obra. Os industriais não podiam arriscar que pedreiros ineptos deitassem a perder um bom trabalho e que o construtor acabasse por atribuir aos fabricantes dos azulejos os defeitos que pudessem aparecer nas construções. Por isso, todas as casas importantes ofereciam também a colocação do azulejo na obra. Dalmau viveu na época em que o cimento Portland aparecera para revolucionar a aderência dos azulejos. Aprendeu as diferentes proporções quanto à espessura da camada de areia que tinha de se aplicar conforme se tratava de ladrilhos de pavimento ou de parede; a assentar ladrilhos em escadas e a prever as margens necessárias para nelas se apoiarem; a assentar ladrilhos em chão de madeira, cobrindo-o com cimento depois da preparação prévia da madeira. Aprendeu também o tempo que os ladrilhos deviam estar de molho antes de serem assentados; a começar sempre pelo meio da divisão, deixando os remates para a união com as paredes. Em resumo, aprendeu tudo quanto se podia saber acerca da colocação de azulejos e mosaicos, até que, com dezanove anos e por mérito próprio, o jovem se transformou no primeiro desenhador e projetista a seguir ao mestre. Claro que houve invejas e questiúnculas, numa fábrica onde muitos tiveram dificuldade em obedecer a um jovem que

nem sequer vestia casaco ou usava chapéu e que, até há pouco tempo, estivera de joelhos junto deles, mas Dalmau não tardou a provar as suas capacidades e a calar as queixas.

Dona Celia saudou a bufar e com um olhar de enfado quando Dalmau atravessou o salão da casa, seguindo os passos do mestre para o estúdio.

— Bom dia, minha senhora — cumprimentou-a, apesar de tudo. — Meninas — acrescentou, com um ligeiro movimento de cabeça em direção às duas filhas do mestre, um pouco mais novas do que ele, talvez um ano ou dois, e que passavam o tempo sentadas, apáticas, junto às grandes janelas que davam para o Paseo de Gràcia.

O filho mais pequeno do mestre devia estar no quarto de brincar, supôs Dalmau.

O rosto de Úrsula, a mais velha das irmãs, recebeu a saudação com um sorriso enigmático que inquietou Dalmau. Não era a primeira vez: aquele sorriso, as pálpebras ligeiramente caídas, esse segundo de atrevimento a que a jovem se permitia, atenta a que alguém olhasse para ela e o descobrisse, convidavam Dalmau a muito mais do que uma simples saudação ao passar pelo salão.

— Dalmau!

O chamamento do mestre, que já estava à porta do estúdio, afugentou-lhe aqueles pensamentos.

— O que achas? — perguntou-lhe dom Manuel, enquanto, com um gesto pomposo da mão, mostrava a sua última obra. — Penso oferecê-lo como presente de boas-vindas ao novo bispo.

«Real, demasiado real», evitou Dalmau responder-lhe. Ficou em silêncio e simulou concentrar-se na obra. Não precisava de a examinar em excesso. Era boa... mas antiquada, semelhante às pinturas sombrias que se podiam ver no interior dos templos. Tratava-se de uma paisagem urbana, na qual se destacava uma igreja e duas mulheres humildes em primeiro plano, que se encaminhavam para o interior do templo. Porém, faltava-lhe luz; aquela luz herdada do impressionismo com a qual, inclusivamente, muitos dos companheiros do mestre acabaram por brincar nas suas obras. Talvez o novo bispo gostasse. Tinha um ar nostálgico. Era um quadro que, além de devoção e fervor religioso, poucas mais sensações transmitia. «O que achas?» Era sempre o mesmo:

a sua opinião só lhe traria problemas. Estava amarrado ao mestre. Não se tratava apenas do trabalho na fábrica de cerâmica. Naquele ano, em janeiro, tinham-se realizado as sortes dos mancebos de Barcelona com a idade de dezanove anos, para a incorporação a que ele pertencia, para engrossarem as fileiras do exército. A sorte não bafejou Dalmau e o seu nome foi escolhido. Doze anos preso ao exército. Os primeiros três no serviço ativo, cumpridos num quartel; mais três de reserva ativa e os seis restantes na segunda reserva. Era a ruína para qualquer jovem, interrompia-lhe a formação e a vida, o trabalho muitas vezes imprescindível para as maltratadas economias da classe trabalhadora, pelos menos durante os três primeiros anos no ativo. Josefa, a mãe, sofreu um ligeiro desfalecimento quando recebeu a notícia; Montserrat e Emma clamaram contra o Estado, o exército, os ricos e os padres, e depois choraram, Emma de um modo descontrolado quando compreendeu que ia perder o namorado. Dom Manuel Bello, contudo, queixou-se e soltou uma imprecação moderada, como era próprio de um bom cristão, respirou fundo e, depois de pensar por instantes, ofereceu-se para emprestar a Dalmau a quantia necessária para a dispensa, a fórmula com que os ricos se livravam do exército e os que o não eram tanto se empenhavam até à ruína: mil e quinhentas pesetas de ouro!

Dalmau falou sobre o assunto com a família. Aceitaram, apesar de considerarem o mestre um católico obstinado, um burguês, um industrial abastado, tudo aquilo contra o que até então tinham lutado. O pai de Dalmau, Tomás, morreu injustamente por isso. Dom Manuel não era mais do que a encarnação desse poder que oprimia os trabalhadores, que os roubava e explorava e contra o qual as jovens agora se revoltavam.

— E tu, filho, qual é a tua opinião? — perguntou Josefa, silenciando as queixas das outras duas.

Dalmau esticou os braços e mostrou as palmas das mãos.

— Eu só quero desenhar, pintar e estar convosco — respondeu. — O que me importa se, para o conseguir, este, outro ou aqueloutro tem de emprestar-me mil e quinhentas pesetas para me livrar do exército?

Assinaram um contrato de empréstimo redigido pelo advogado de dom Manuel. Sentaram-se os três a uma mesa comprida, prevista para reuniões de muito mais pessoas. A reunião prolongou-se para além do

necessário para assinar o documento que o advogado mantinha nas mãos, como se fosse um papel sem importância, enquanto conversava com o mestre acerca das respectivas famílias e abordava todo o tipo de banalidades, alheios à presença de Dalmau. No fim, como se ambos se tivessem apercebido do tempo que perderam, puseram fim à conversa e aprontaram-se para assinar o empréstimo. O advogado folheou o documento e foi concordando com o que o estagiário tinha escrito. «O normal. O usual. Bem. Exato», foi repetindo.

— Tens sorte, rapaz — disse a Dalmau, e, com o dedo, instou-o a assinar em baixo —, por teres um mestre tão generoso como dom Manuel.

Dalmau liquidaria o empréstimo à razão de cem pesetas por ano, com juros; inteirou-se disso no escritório do advogado. Mais tarde, também não quis ler o resto do contrato, que constava de várias folhas, e após tê-lo feito assinar pela mãe, uma vez que aos dezanove anos ainda era considerado menor de idade, guardou a sua cópia na pasta dos documentos e deixou preparada a do mestre para a entregar no dia seguinte. Que importância tinha o que ali constava escrito? Trabalhava para dom Manuel, que lhe pagava bem, e era precisamente a esse que lhe pagava que ficava a dever o dinheiro.

E agora tinha de criticar o quadro pintado por aquele a quem devia agradecer por não estar aquartelado num lugar remoto de Espanha. Não gostava da obra: achava-a sombria e antiquada, não lhe transmitia a mínima sensação. Porém, como podia revelar-lhe a sua verdadeira opinião? Procurou dizer algo que não fosse de todo mentira.

— Podem ouvir-se as orações que saem da boca dessas duas parquianas — sentenciou, num tom grave, se bem que em voz baixa, como se não quisesse interromper as rezas das mulheres.

O rosto de dom Manuel expandiu-se num sorriso beatífico que nem sequer as patilhas e o bigode conseguiram esconder; todo ele inchou.

Nesse dia, ao anoitecer, Dalmau caminhava distraído por entre a multidão que passava pelo bairro de Sant Antoni. Tinha pedido a Paco que o avisasse antes que anoitecesse e o velho vigilante deleitou-se uma vez mais a fechar a torneira dos candeeiros a gás do estúdio enquanto o rapaz permanecia absorto no trabalho.

DEPOIS DE MAIS DE 11 MILHÕES
DE EXEMPLARES VENDIDOS, O AUTOR DE
A CATEDRAL DO MAR
E
OS HERDEIROS DA TERRA
REGRESSA COM UM ROMANCE FASCINANTE



No dealbar do século XX, Barcelona começou a mudar. Enquanto o Modernismo adornava as ruas mais opulentas, os trabalhadores, nos bairros pobres, lutavam por uma sociedade mais justa.

Este romance excepcional, que recria magistralmente um período de convulsão numa cidade capaz de se rebelar contra o poder da tradição, conta-nos a história de Dalmau Sala, filho de uma costureira e de um operário que trabalha numa fábrica de cerâmica. Um jovem pintor dividido entre a sua paixão pela arte, o mundo burguês e o Modernismo, por um lado, e, por outro, os seus valores e o amor de uma mulher bonita e reivindicativa que luta pelos direitos dos trabalhadores.

**UMA PODEROSA HISTÓRIA DE AMOR,
PAIXÃO PELA ARTE, REVOLTAS SOCIAIS
E VINGANÇA NA BARCELONA MODERNISTA**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@ topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897875861



9 789897 875861 >